

NARRATIVAS DE DESLOCAMENTO DE JOVENS EM INTERCÂMBIO INTERNACIONAL: CONSTRUÇÕES DE IDENTIDADE NAS “FRONTEIRAS” EM CIDADES DO INTERIOR DE MINAS GERAIS

(Narratives of displacement told by young students in an international exchange program: identity construction on the “borders” of small cities in Minas Gerais)

Maria das Graças Dias Pereira¹
Fernanda Henriques Dias²

ABSTRACT

This study focuses on narratives of displacement told by young students who come from different nationalities to join an international exchange program in the secondary school in small and medium-sized cities in Minas Gerais. The objectives aim at demonstrating: i) the nature of co-constructed narratives, with collective and individual experience in tellings and retellings of displacement processes; ii) “self” and “other” identity constructions. The theoretical approach articulates narratives of displacement vis-à-vis big and small stories and labovian narratives. The research is qualitative, interpretive, with ethnomethodological interview, conducted individually and in group. Cultural issues are treated as cultural differences and in-betweenness concerning the culture of origin and the culture of “others”. Students construct identities as established members in their own culture and as outsiders in Brazil, bringing up negative stereotypes. Throughout the exchange program, they reflect and resignify their beliefs.

Keywords: *Narratives of displacement; identity construction in cultural in-betweenness; international exchange students; cultural stereotypes; established and outsiders; interview in sociolinguistic research.*

RESUMO

O foco do estudo são narrativas de deslocamento de jovens estudantes de ensino médio de diferentes nacionalidades, participantes de um intercâmbio internacional, em cidades mineiras de pequeno ou médio porte. Os objetivos consistem em mostrar: i) a natureza das narrativas coconstruídas, com contagem e recontagem de experiências coletivas e individuais nos processos de deslocamentos; ii) as construções identitárias do “eu” e do “outro”. O referencial teórico articula narrativas de deslocamento junto a grandes e pequenas narrativas, e a narrativas labovianas. A pesquisa é qualitativa, interpretativa, com entrevista etnometodológica, em grupo e individual. Questões culturais se pautam por diferenças culturais e entrelugares entre a cultura de origem e a cultura do “outro”. Os estudantes constroem identidades como membros estabelecidos em suas culturas e outsiders em relação ao Brasil, e apresentam estereótipos negativos. No decorrer do intercâmbio, há ressignificações e reflexões.

Palavras-chave: *Narrativas de deslocamento; construções identitárias de entrelugar cultural; estudantes de intercâmbio internacional; estereótipos culturais; estabelecidos e outsiders; entrevista de pesquisa sociolinguística*

¹ Professora Associada da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio - Departamento de Letras - Programa de Pós-Graduação Estudos da Linguagem. Pós-Doutorado - Universidade de Lisboa e ILTEC (2008-2009), Doutorado em Letras (1993 – PUC-Rio), Mestrado em Letras (1981 – PUC-Rio). Líder do Grupo de Pesquisa CNPq Linguagem, Cultura e Trabalho. Desenvolve pesquisas em Linguística Aplicada, Análise da Narrativa, Sociolinguística Interacional, Análise da Conversa, Pragmática.

² Professora adjunta na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ - Departamento de Letras e Comunicação – ICHS. Doutora (2011) em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio; Mestre (2007 – PUC-Rio), Graduada em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2005). Interesses em pesquisas voltadas para ensino de Língua Inglesa, formação de professores, tradução, cultura e identidade, bilinguismo.

INTRODUÇÃO

Focalizamos, no presente estudo, narrativas de deslocamentos (BAYNHAM; DE FINA, 2005) e entrelugares identitários de jovens estudantes de intercâmbio internacional. Bucholtz & Skapoulli (2009) apontam para o papel dos jovens como agentes sociais que se movem e cruzam as fronteiras internacionais tanto física quanto simbolicamente, em diferentes espaços e culturas. Em um mundo com constante mobilidade das pessoas, questões culturais não são mais pautadas somente pelas diferenças culturais, mas também pelos entrelugares vivenciados entre a cultura de origem e a cultura do “outro” (SANTOS, 2002; BHABHA, [1998] 2005; PEREIRA; SANTOS, 2009), em diferentes contextos de convivência.

O intercâmbio, como uma forma de troca de experiências culturais, possibilita olhar para as configurações e reconfigurações identitárias dos jovens, já que valores culturais são negociados e (re)significados (BUCHOLTZ; SKAPOULLI, 2009). Como serão esses entrelugares de ordem sociocultural vivenciados pelos estudantes? Como esses jovens se posicionam entre “estabelecidos” e *outsiders* (ELIAS; SCOTSON, 2000), nos contextos da família e da escola nas cidades de Minas Gerais no período do intercâmbio? Como se posicionam no retorno aos países de origem?

No enfoque das narrativas, estudiosos têm se questionado sobre as funções sociais que as narrativas podem desempenhar bem como sobre o papel de diferentes contextos nos tipos e na estruturação da narrativa (OCHS; CAPPS, 2001³; AP. BAYNHAM; DE FINA, 2005; DE FINA, 2010). Narrativas de deslocamento vêm tematizando mudanças na vida das pessoas, de natureza espacial/territorial, social, cultural, moral (BAYNHAM; DE FINA, 2005; FREITAS, 2008), emocional (PEREIRA; SANTOS, 2009). Abordagens teóricas como as de grandes narrativas (BAMBERG, 2006; FREEMAN, 2006), as de pequenas narrativas (GEORGAKOPOULOU, 2007; BAMBERG; GEORGAKOPOULOU, 2008) e narrativas de experiência pessoal (LABOV; WALETZKY, [1967] 2003; LABOV, 1972), junto às narrativas de deslocamento (BAYNHAM; DE FINA, 2005), são importantes no viés analítico da construção discursiva dos entrelugares socioculturais.

Os objetivos do presente estudo consistem em mostrar: i) a natureza das narrativas coconstruídas nas entrevistas de pesquisa, com contagem e recontagem de experiências

³ Ochs, E. & Capps. *Living narrative*. Cambridge Mass.: Harvard University Press, 2001.

coletivas e individuais no processo de deslocamento de jovens em intercâmbio internacional; ii) as construções identitárias do “eu” e do “outro”, junto às famílias, à escola, especialmente nos entrelugares culturais, envolvendo a decisão de participar do intercâmbio, a convivência familiar e escolar no período de permanência; o retorno aos seus países de origem.

O foco se volta para um programa de intercâmbio cultural/escolar (REZENDE, 2006) de jovens de ensino médio, vindos de diferentes países, para a permanência por um ano, em cidades de pequeno e médio porte do interior de Minas Gerais, com coordenação em Juiz de Fora. Ao virem para o Brasil, os estudantes convivem com a rotina de “suas famílias” de hospedagem. Eles trocam experiências, aprendem sobre as escolas, os hábitos e o cotidiano das pessoas com as quais lidam.

Nas seções seguintes, trataremos do referencial teórico sobre narrativas e construção de identidades, da metodologia da pesquisa e da análise das narrativas de deslocamento coconstruídas entre a pesquisadora e os estudantes de intercâmbio. Fazemos, na última seção, as considerações finais.

1. NARRATIVAS DE DESLOCAMENTO E INTERRELAÇÃO ENTRE GRANDES E PEQUENAS NARRATIVAS: LÓCUS DE CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES DE ENTRELUGAR

As narrativas contadas no contexto de entrevista de pesquisa trazem os deslocamentos no processo de intercâmbio, que marcam deslocamentos espaciais entre o “aqui” e o “lá”, deslocamentos temporais entre passado, presente e futuro, deslocamentos emocionais relacionados ao distanciamento de familiares e amigos, deslocamentos sociais pela inserção em uma nova nação e em novos espaços de convivência e escolarização.

As narrativas de deslocamento (BAYNHAM; DE FINA, 2005; FREITAS, 2008) se mostram como aporte teórico relevante no processo de compreensão das narrativas coconstruídas interacionalmente, com experiências cotidianas envolvendo uma das facetas do deslocamento com “a construção subjetiva dos movimentos dos seres humanos” (BAYNHAM; DE FINA, 2005, p. 2).

As narrativas coconstruídas no curso das entrevistas realizadas no processo de intercâmbio são grandes narrativas, no sentido que retratam experiências de intercâmbio dos sujeitos entrevistados, como “histórias de vida” (LINDE, 1993). Ao mesmo tempo, há construções narrativas locais, que emergem como pequenas narrativas (GEORGAKOPOULOU, 2007; BAMBERG; GEORGAKOPOULOU, 2008) e narrativas labovianas.

GRANDES NARRATIVAS

As grandes narrativas são, em geral, produzidas em situações de entrevista em que o pesquisador busca interferir ao mínimo na contagem das histórias (BAMBERG, 2006; LINDE, 1993). Para Freeman (2006, p. 133), compreender as grandes narrativas vai além de compreender o contexto específico da interação para compreender os “grandes” significados da vida. Em grandes narrativas, estão incluídas as histórias de vida (LINDE, 1993), narrativas orais descontínuas, que “têm como avaliação primária um ponto sobre o falante e não um ponto geral sobre como o mundo é” (p.21). A reportabilidade é estendida por um longo período de tempo e as narrativas podem ser contadas e recontadas várias vezes.

Através das histórias de vida, expressamos quem somos:

as histórias de vida expressam nossa noção de self: quem somos e como nos tornamos assim. São também meios importantes através dos quais comunicamos essa noção de self e a negociamos com os outros. Além disso, usamos estas histórias para afirmar ou negociar pertencimento a grupos e para demonstrar que verdadeiramente somos membros dignos de tais grupos, entendendo e seguindo corretamente seus padrões morais. Por último, as histórias de vida tocam na mais ampla das construções sociais, já que apresentam pressuposições sobre o que pode ser esperado, quais são as normas, e quais sistemas de crença especiais ou comuns podem ser usados para estabelecer coerência (LINDE, 1993, p. 3)⁴.

As narrativas contadas por estudantes de intercâmbio, que vivem por um ano no Brasil, no interior de Minas, retratam porções significativas de suas vidas e adquirem reportabilidade estendida, justamente porque as trajetórias pelas quais passam representam marcos em suas vidas. Os trechos das narrativas relacionadas à decisão da viagem, à chegada, permanência e ao retorno do intercâmbio podem ser contados e recontados, nos entrelugares que se estabelecem.

PEQUENAS NARRATIVAS

A proposição em relação às pequenas narrativas, em uma discussão estabelecida por Georgakopoulou (2007) e Bamberg & Georgakopoulou (2008), é diferenciada, e se contrapõe às grandes narrativas. As pequenas histórias remetem a práticas sociais (cotidianas ou não) e a proposta da análise é feita sem a preocupação de satisfazer aos critérios estabelecidos para as grandes narrativas. Para o estudo das narrativas, essa mudança de perspectiva significa que

em vez de tratá-las como um supra-gênero com características estruturais fixas (ou seja, unidades estruturais inflexíveis e invariáveis), dá-se ênfase às

⁴ Todas as traduções ao longo do texto são de responsabilidade das autoras do presente estudo.

estruturas narrativas como respostas dinâmicas e que se desenvolvem gradualmente em situações retóricas recorrentes, como recursos mais ou menos estabelecidos agentivamente e estrategicamente, negociados e reconstruídos de outra forma em contextos locais (Georgakopoulou, 2007, p. 8).

Assim, a narrativa como prática social permite analisar não só o que é regular e habitual em dados contextos de interação, mas também o que é emergente e situacional de acordo com cada contexto específico. Através das narrativas, é possível representar o próprio falante e o “outro”, em relações de intertextualidade e de interações complexas entre eventos do passado, presente e futuro. Ressalta-se o papel da “internarratividade” ao se levar em consideração as redes estabelecidas, no ato de narrar. O termo “pequenas histórias”,

é empregado como um termo amplo que cobre uma variedade de atividades narrativas sub-representadas, tais quais as contagens de eventos em andamento, eventos hipotéticos ou futuros, eventos compartilhados (e já conhecidos), mas também inclui alusões a contagens (prévias), adiamentos e recusas para se contar uma história (BAMBERG; GEORGAKOPOULOU 2008, p. 381).

O que Bamberg & Georgakopoulou (2008) propõem é que as narrativas sejam analisadas com base nas ações e funções sociais que exercem na vida dos participantes. A orientação passa a ser parte essencial do enredo, em oposição à noção de orientação da estrutura narrativa laboviana, em que a orientação é apenas mais uma das partes da estrutura da narrativa, não sendo um item obrigatório. Tempo e espaço, portanto, serão elementos de uma ação situada e estarão condicionados às percepções e práticas dos participantes, bem como serão influenciados pelo contexto geográfico no qual os participantes estão inseridos.

De Fina (2010), ao tratar do papel da orientação nas narrativas de migrantes que veem a travessia de fronteiras como uma experiência de desorientação, ressalta também o caráter situacional da orientação nas narrativas. Segundo a autora,

o grau de compartilhamento e negociação da orientação nas narrativas indica papéis sociais e relações encenadas por contadores e ouvintes. Também mostra como os dispositivos de orientação usados pelos narradores indicam modos de apreender, reconstruir e representar a experiência pessoal e social (DE FINA, 2010, p. 86).

É também pensando nas relações entre tempo e espaço que Georgakopoulou (2007) propõe que as narrativas de eventos projetados (ou seja, que ainda não ocorreram), também são passíveis de serem analisadas. Bamberg & Georgakopoulou (2008) e Georgakopoulou (2007) identificam tipos de pequenas narrativas. As “histórias que serão contadas” se referem a introduções de histórias, muitas vezes feitas em forma de perguntas, como “sabe o que aconteceu hoje?”, cujas narrações são postergadas, com frases como “depois eu te conto,

porque agora estou com pressa”. Nesses casos, há uma construção explícita de “narrativização em processo” e o tempo futuro indefinido é essencial para que a narrativa possa ser realizada.

As “histórias compartilhadas” são frequentemente renarradas nas conversas cotidianas. Cada recontagem, porém, tem um propósito diferente: provar um ponto de vista, convencer outros participantes sobre um assunto relevante, comparar duas situações ou mesmo exemplificar uma situação. Por conta disso, as histórias compartilhadas estão muitas vezes encaixadas em outras práticas discursivas.

Cada tipo de pequenas narrativas tem características próprias, que variam de acordo com as normas e práticas locais e também de acordo com o contexto comunicacional. Bamberg & Georgakopoulou (2008) argumentam que é necessário que pesquisadores se debrucem sobre outros dados, de diferentes comunidades de prática e contextos sociais, para que outros tipos de pequenas histórias possam ser identificados.

NARRATIVAS DE EXPERIÊNCIA PESSOAL

Labov & Waletzky ([1967] 2003) definem a estrutura básica da narrativa de experiência pessoal que, segundo eles, é constituída por uma sequência temporal, que se refere à apresentação de uma sequência verbal de orações para uma sequência de eventos que tenham ocorrido, até chegar à definição de narrativa: “qualquer sequência de orações que contenha pelo menos uma junção temporal” ([1967] 2003, p. 88).

Os autores tratam da estrutura geral das narrativas (Labov & Waletzky ([1967] 2003), tópico retomado e reelaborado por Labov (1972). O primeiro elemento é o resumo, que responde à pergunta “sobre o que é a narrativa?”; é apresentado no início da narrativa, resume a história e apresenta o ponto da mesma. A seção de orientação serve para “orientar o ouvinte em relação a espaço, tempo, pessoas e suas atividades ou situação” (1972, p. 364). No entanto, nem toda narrativa possui uma seção de orientação.

A orientação responde à pergunta “quem, quando, o quê e onde?”. A ação complicadora constitui o corpo principal das orações narrativas e é composta por uma série de eventos. Ela responde à pergunta “e então, o que aconteceu?”. A avaliação responde à pergunta “e daí?” e se refere ao ponto da narrativa, sua razão de ser. Em muitas narrativas, a avaliação se funde ao resultado (ou resolução). As avaliações podem também suspender a ação complicadora. Assim, a avaliação é definida como “a parte da narrativa que revela a atitude do narrador em relação à narrativa” (LABOV & WALETZKY, [1967] 2003, p. 97).

Os autores apresentam os tipos de avaliação interna e externa, e os elementos avaliativos na

narrativa. Assim, a seção de avaliação vem sendo amplamente discutida por pesquisadores que utilizam as teorias labovianas em suas metodologias de análise (CORTAZZI & JIN, 2003; BASTOS, 2004, 2008; dentre outros).

Outro elemento da narrativa de experiência pessoal é a resolução (ou resultado). Segundo Labov (1972, p. 363), a resolução da narrativa “deve ser considerada como a finalização de uma série de eventos”. Por último, Labov & Waletzky ([1967] 2003, p. 100) mencionam a coda, que é um “aparato funcional para retornar a perspectiva verbal para o presente”, ou seja, é “uma das muitas opções que o narrador tem para sinalizar que a narrativa acabou” (LABOV, 1972, p. 366).

A narrativa, porém, não precisa ser apresentada sempre com sua estrutura completa. A unidade básica para a realização da narrativa é a ação complicadora, apresentada na sequência temporal. Portanto, uma das conclusões apresentadas por Labov & Waletzky ([1967] 2003, p. 101) é que a estrutura geral da narrativa não é uniforme: “há diferenças consideráveis no grau de complexidade, no número de elementos estruturais presentes, e em como várias funções são realizadas”.

NARRATIVA E IDENTIDADE

Uma questão importante nas abordagens narrativas é a construção de identidades do próprio narrador e dos outros participantes em presença ou mencionados nas contagens e recontagens. As abordagens das grandes narrativas veem as narrativas como locais privilegiados para a construção de identidades (FREEMAN, 2006; BAMBERG, 2006). Na abordagem das pequenas narrativas (BAMBERG, 2006; GEORGAKOPOULOU, 2007), os autores enfatizam os mecanismos pelos quais as identidades são construídas na interação.

Para Ochs (1993), “identidade social” é um termo empregado para uma multiplicidade de características sociais “incluindo status social, papéis, posicionamentos, relacionamentos, identidades institucionais e outras identidades comunitárias relevantes que se queira reivindicar ou atribuir no decorrer da vida social” (p. 288).

Ochs e Lisa Capps (1996) destacam que a narrativa, nas culturas, é um instrumento de dar sentido às experiências. Na relação entre o self e a sociedade, é fundamental para a manifestação de emoções e atitudes, do envolvimento subjetivo, nas relações interpessoais e de pertencimento à comunidade. A narrativa situa também narradores, protagonistas, ouvintes/leitores em um nexos de moralidade no passado e presente, em eventos possíveis (p. 19, 21-22). Hyvärinen (2008, p. 261) ressalta o argumento de MacIntyre ([1981] 1984, p. 98

212) de que, por entendermos nossas vidas em termos de narrativas, são as mesmas apropriadas para entendermos as ações de outros.

Em relação à negociação de atribuições de identidades a si e aos “outros”, De Fina (2003, p. 19) apresenta relações entre narrativa e identidade como atuantes em três níveis: i) Em um nível, a identidade pode estar relacionada à aderência do narrador a formas culturais de narrar através da articulação de recursos linguísticos e retóricos. ii) Em outro nível, a identidade pode estar relacionada à negociação de papéis sociais (tanto locais quanto globais) que estão de acordo ou se opõem aos papéis atribuídos aos narradores pelas comunidades e indivíduos. iii) Em outro nível, identidade pode ser relacionada à expressão, discussão e negociação de pertencimento a comunidades. Neste processo, é central a categorização do *self* e dos outros e a negociação de crenças e instâncias que ajudam narradores a se identificarem como membros de um grupo ou a se distinguirem em relação a membros de outros grupos.

No caso dos estudantes de intercâmbio, o próprio deslocamento faz com que construções identitárias sejam negociadas, gerando distinções e semelhanças entre o “aqui” e o “lá”, entre “nós” e “outros” ou entre “eu” e “eles”. Nas narrativas, eles apresentam a si e aos “outros”, negociando suas identidades e a de brasileiros.

2. IDENTIDADES NAS FRONTEIRAS: ENTRE O “EU” E OS “OUTROS”, *OUTSIDERS* E ESTABELECIDOS

Identidades nas fronteiras colocam em questão os entrelugares culturais. Bhabha ([1998] 2005) desfaz, sobretudo, as categorias dicotômicas, sejam essas de raça, geração, local institucional, localidade, orientação sexual, dentre outras, em “uma consciência das posições do sujeito”, na discussão de identidades no mundo moderno. Para o autor, é necessário ir além das “narrativas de subjetividades originárias e iniciais” e focalizar momentos ou processos produzidos na articulação de diferenças culturais. Nesse sentido, é na “sobreposição e (n) o deslocamento de domínios da diferença” que as experiências intersubjetivas e coletivas de nação, o interesse cultural são negociados (p. 19-10).

Elias & Scotson (2000, p. 22) discutem as categorias de “outsiders e estabelecidos”. Para os autores, a noção de pertencimento a um dado grupo estabelecido, em geral, se contrapõe à noção de não pertencimento sentida por recém-chegados que, pelo menos por um dado período, se veem como *outsiders* a um grupo dominante. Os grupos estabelecidos, em geral, exercerão poder sobre os *outsiders*. Os *outsiders*, estigmatizados então como pessoas externas ao grupo, acabam por não se agrupar socialmente e, portanto, ficam fadados a existir

“sempre no plural” (p.7).

Olhar para as construções de identidade entre o “eu” e os “outros”, nas narrativas dos estudantes de intercâmbio, a partir de perspectiva de Bhabha ([1998] 2005), envolve uma rede mais complexa, não apenas uma estrutura de oposições entre um “lado” versus “outro” como a de Elias & Scotson (2000), em “outsiders e estabelecidos”.

No caso dos intercambistas, são posicionados em um “entrelugar”. Como afirma Bhabha ([1998] 2005, p. 23), “o imaginário da distância espacial – viver de algum modo além da fronteira de nossos tempos – dá relevo a diferenças sociais, temporais, que interrompem nossa noção conspiratória da contemporaneidade cultural”.

Como categorias marcadas, os estereótipos são representações das diferenças culturais. Pensando nas categorizações como construtos dinâmicos, o estrangeiro, ao chegar no país de destino, precisará reconfigurar suas crenças e sua atitude perante os estereótipos sociais que ele traz de sua sociedade de origem. As estereotipificações serão negociadas e coconstruídas no processo interacional.

Nem sempre, porém, os processos interacionais e a convivência com outro grupo farão com que deixem de existir diferenças culturais. Como afirma Bhabha ([1998] 2005, p. 105), o estereótipo é construído e reafirmado num processo de ambivalência. O estereótipo é “uma forma de conhecimento e identificação que vacila entre o que está sempre “no lugar”, já conhecido, e algo que deve ser ansiosamente repetido...”. É preciso ver, então, os processos de subjetivação tornados possíveis através do discurso (p.106). Em nosso estudo, focalizamos as narrativas dos estudantes de intercâmbio.

3. ORIENTAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS DA PESQUISA

A presente pesquisa é de natureza qualitativa e interpretativa (DENZIN; LINCOLN, 1994, 2006), no contexto de entrevista de pesquisa.

Segundo a definição de Denzin & Lincoln (2006, p. 390),

a pesquisa qualitativa é um campo interdisciplinar, transdisciplinar e, às vezes, contradisciplinar, que atravessa as humanidades, as ciências sociais e as ciências físicas. (...) A pesquisa qualitativa adota duas tensões ao mesmo tempo. Por um lado, é atraída a uma sensibilidade geral, interpretativa, pós-experimental, pós-moderna, feminista e crítica. Por outro lado, é moldada para concepções da experiência humana e de sua análise mais restritas à definição positivista, pós-positivista, humanista e naturalista.

O foco multiparadigmático da pesquisa qualitativa requer que o pesquisador, além de se considerar um participante integrante no processo da pesquisa, lance também olhares múltiplos sobre os sujeitos, regiões, comunidades estudadas.

Para Mishler ([1986] 1991, p. vii, 35), a entrevista de pesquisa é um evento de fala, na acepção de Hymes (1972), com formato moldado por respostas a perguntas, em uma construção conjunta entre entrevistado e entrevistador. De Fina e Perrino (2011) destacam que o debate no âmbito de entrevistas de pesquisa e narrativas tem sido tratado de forma marginal, após a obra de Mishler ([1986] 1991). Roulston (2010, p. 204, 217-18) trata de seis concepções de entrevista, denominadas como neo-positivista, romântica, construcionista, pós-moderna, transformadora e descolonizadora. Assumimos a perspectiva construcionista, com sujeitos produzidos localmente na fala em interação; a entrevista passa a se entendida como uma situação social de coconstrução entre entrevistador e entrevistado.

Partindo de pressupostos da pesquisa qualitativa e interpretativa, as entrevistas feitas foram semi-estruturadas (FONTANA & FREY, 2000). Baker (2001, p. 777), ao tratar da análise etnometodológica de entrevistas, aponta para o trabalho interativo no processo de perguntas e respostas. O papel do entrevistador não é neutro e os entrevistados trazem também sua agenda e seus próprios objetivos, sinalizados em respostas dadas às perguntas ou em outras formas de participação (MODAN, 2011).

Para o desenvolvimento da pesquisa, o contexto foi um programa de intercâmbio para jovens de ensino médio, coordenado por uma instituição sem fins lucrativos, em Juiz de Fora. A instituição traz anualmente jovens de diversos países para participar do intercâmbio e jovens brasileiros vão para diversos outros países, para viver fora do Brasil por um ano. O programa possibilita que os jovens vivenciem o dia-a-dia no contexto da família e da escola em pequenas cidades do interior de Minas Gerais e têm também a oportunidade de viajar por diversas cidades brasileiras, com as famílias que os recebem ou em excursões preparadas para os mesmos.

A permissão para a realização da pesquisa envolveu negociação prévia por telefone e e-mail, com os coordenadores do programa de intercâmbio. Após vários contatos, a permissão para realizar entrevistas com os estudantes foi concedida e Fernanda, pesquisadora, foi convidada a participar da reunião de boas vindas. Essa reunião foi feita em três dias consecutivos, e a presença foi permitida em 27/09/2007, quando a pesquisadora pode fazer uma entrevista em grupo e uma entrevista individual com cada um dos estudantes.

Foram entrevistados seis estudantes. A idade média era de 15 anos, mas não foi feito um perfil socioeconômico. Os nomes são fictícios de forma a garantir o anonimato dos participantes: 1) Allan – jovem americano - intercâmbio em Muriaé, de 07/ 2007 a 05/2008; 2) Dave – jovem dinamarquês - intercâmbio em Ponte Nova, de 08/ 2007 a 07/ 2008; 3) Pat – jovem americana - intercâmbio em Cataguases; início em 08/2007; permaneceu no Brasil em torno de 10 a 12 meses; 4) Isaac – jovem mexicano - intercâmbio em Além Paraíba, de 08/ 2007 a 06/2008; 5) Sophie – jovem belga - intercâmbio em Juiz de Fora, de 08/2007 a 07/ 2008; 6) Marie – jovem belga - intercâmbio em Juiz de Fora, de mês 08 a 12 /2007. Apesar de participação marcante na primeira entrevista de grupo, Marie não aceitou participar das etapas de entrevista individual.

A entrevistadora, Fernanda, fez dois tipos de entrevista com os estudantes: uma coletiva, quando chegam à cidade mineira sede do intercâmbio e outras individuais, ao longo do período de permanência dos estudantes nas cidades do interior de Minas e no retorno aos países de origem. As entrevistas iniciais foram feitas em inglês, passando depois a alternância de código e ao português, de acordo com o processo de aprendizagem dos estudantes.

Como o estudo é longitudinal, foram feitas várias entrevistas, cada uma delas em situações interacionais diferenciadas. A segunda etapa de entrevistas individuais foi realizada face-a-face em 2008, com deslocamento da pesquisadora até as cidades em que os estudantes ficaram com as famílias: 14 de março – 2 entrevistas - Allan e Sophie - Muriaé e Juiz de Fora; 17 de março – 1 entrevista com Dave, em Ponte Nova; 19 de março – 1 entrevista com Isaac - Além Paraíba; 20 de março – 1 entrevista com Pat - em Cataguases. A terceira etapa de entrevistas, com o retorno dos estudantes a seus países, foi feita em 05 de agosto de 2008, à distância, em programa de computador com tecnologia de voz em tempo real. Nessa etapa, as entrevistas foram feitas apenas com Sophie e com Isaac.

Nas entrevistas em grupo, como veremos (v. sequência 1, seção seguinte), há mais alternância de turnos e auto seleção dos participantes, com a mudança de tópico sendo feita por qualquer participante (FONTANA & FREY, 2000, p. 651-2). Nas entrevistas individuais, a entrevistadora retoma tópicos mencionados nas entrevistadas de grupo, buscando explorar expectativas dos estudantes sobre o processo de intercâmbio.

A transcrição dos dados foi feita a partir de orientações da Análise da Conversa, a partir de convenções de Gago (2003). Nas seções seguintes, traremos um recorte de análise de dados, com a entrevista de grupo, inicialmente, e, a seguir, com segmentos de entrevistas

individuais.

4. A DECISÃO SOBRE A VIAGEM DE INTERCÂMBIO: A NÃO OPÇÃO INICIAL PELO BRASIL

Veremos, na sequência 1, a seguir, a orientação da grande narrativa de deslocamento dos estudantes (Baynham; De Fina, 2005), em contexto de entrevista de pesquisa de grupo. A seção de orientação traz elementos para “orientar o ouvinte em relação a espaço, tempo, pessoas e suas atividades ou situação” (Labov, 1972, p. 364). A orientação da narrativa, na perspectiva laboviana, é problematizada por De Fina (2010, p. 85-6), em uma abordagem em que os dispositivos linguísticos e narrativos nos dizem sobre os protagonistas, sobre os deslocamentos, sobre contextos sociais das histórias.

O foco da contextualização da grande narrativa de deslocamento, na sequência 1, se dá nos entrelugares de escolha do país de intercâmbio. A orientação traz experiências partilhadas pelo grupo de estudantes, o envolvimento interpessoal entre eles e com a entrevistadora, em perguntas e comentários.

Sequência 1

237 238	Fernanda	and you didn't have problems about the family or you didn't have time to think about it?
239 240	Marie	eh, i only knew knew my family, only knew that i was going to brazil in the beginning of july.
241	Pat	oh my GOD.
242 243 244 245	Marie	haha. then i had to come up in my application they had to come to brazil, i had to wait for a month before it goes back to belgium and i was going to the embassy to get my visa and in two weeks i was leaving.
246 247 248	Allan	for us in the united states, you have to have your stuff in at least (.) three or four months, before. it's not - it's not longer (than that).
249	Pat	i had my application in in december. ()
250 251	Marie	yeah. in belgium we have to send the application before too () but i was very late (for the first time with)
252	Allan	humhum
253 254 255 256	Marie	and i wanted to go to the united states () volunteer, there was just something wrong so i didn't go for my () and i was very near exams and i had to fill in my application. so: it was very stressful.
257	Fernanda	so it was not your decision to come to brazil?
258	Marie	hum: i decided in two days.
259 260 261 262 263 264 265 266 267 268	Allan	i decided in two days also. i i thought i was going to japan for the longest time [(telefone tocando)] for probably four or five months i thought i was going to japan [(telefone tocando)] () everything like prep for that and then, one week and they said “oh sorry eh: you can't go japan anymore because [(telefone tocando)] they are only taking they only take girls at the scholl there” and i said “but since it's pretty late now you need to decide what country you wanna go to by the end of the weekend” but i didn't have a computer, () couldn't research the country didn't have a phone to call people or anything.

269		
270		[(telefone tocando)]
271	Fernanda	ah. and you two? how did you decide to come to brazil?
272	Pat	hum:
273	Fernanda	or you didn't decide?
274	Pat	i did we had to choose like ten countries and i don't- it was
275		mostly south america. so i just kind of researched all the
276		countries and ()
277	Todos	hahaha
278	Pat	and, so, basically south america anywhere in south america and i
279		said brazil.
280	Isaac	the [(nome da instituição)] decided for me.
281	Fernanda	really?
282	Isaac	yeah.
283	Fernanda	how is it? they they just said "oh, you're going to brazil" (and
284		that) is ok? yeah? did you like the idea? or not?
285	Isaac	no, yes, i like.
286	Todos	hahaha
287	Fernanda	() "no, i don't wanna go to brazil". hehe
288	Pat	what if you didn't wanna come here?
289	Isaac	hum?
290	Pat	could you change it if you didn't want to?
291	Allan	the country? could you change the country if you didn't want
292		brazil?
293	Isaac	no. humhum.
294	Fernanda	so you had to come to brazil.
295	Isaac	yeah.

Entrevista em Grupo, 27 de setembro de 2007

Na sequência 1, Fernanda faz uma pergunta a Marie se teria tido problemas com a família (brasileira) de hospedagem (L. 237, 238), o que aconteceu com alguns estudantes. Marie responde de forma inesperada, rompendo com a expectativa da resposta à pergunta, dizendo que teria conhecido sua família ao chegar ao Brasil (L 239, 240).

Pat faz então uma avaliação (L.241) que funciona como incentivo para que Marie mantenha o turno (SACKS, SCHEGLOFF & JEFFERSON, 2003) e dê início à orientação da narrativa, em termos de tempo e espaço (De Fina, 2010), no processo de escolha do país de intercâmbio, com as experiências sobre os contextos sociais.

Marie inicia com um "haha" e faz uma afirmativa indicando que vir para o Brasil não foi a escolha dela (L.242, 243) e desenvolve sua narrativa, detalhando então o processo "burocrático" de seu intercâmbio (L.243-245). Suas ações são realizadas no curto espaço de dois meses (preencher o formulário, enviar para o Brasil, esperar um mês para ele voltar para a Bélgica, ir à embaixada pegar o visto, e então viajar). As repetições – "i had to come", "they had to come" e "i had to wait"; "i was going" e "i was leaving" – auxiliam na construção do tempo do processo burocrático.

Allan então se auto seleciona para relatar sobre os procedimentos do intercâmbio nos Estados Unidos, onde é necessário preencher os documentos com pelo menos 3 ou 4 meses de antecedência (L.246-248). Ao iniciar com a categorização de “us”, ele sinaliza pertencimento de grupo de intercambistas americanos (SNOW, 2001). Pat se posiciona como americana, junto a Allan, e contextualiza temporalmente os procedimentos para o processo de intercâmbio (L.249).

Marie então toma o turno de novo, para relatar como funciona na Bélgica (L.250-251), utilizando “we”, marca de pertencimento ao grupo dos intercambistas belgas (formado por ela e Sophie) e comenta: “ela estava muito atrasada” com sua documentação. Marie mantém o piso conversacional e então relata como acabou vindo para o Brasil, apesar de ter escolhido ir para os Estados Unidos (L.253-255). Ela faz avaliações (LINDE, 1993) sobre o processo “something wrong”, “it was very stressful” (L.254, 256).

A entrevistadora retoma o piso conversacional (L.257) e faz uma pergunta com “so”, de forma interpretativa, sobre não ter sido uma decisão de Marie de vir para o Brasil. Marie inicia sua resposta com “hum” e responde que decidiu em dois dias (L.258). Na sequência interacional, Allan se auto seleciona (SACKS, SCHEGLOFF & JEFFERSON, 2003), em concordância com Marie, para relatar que também teve que fazer sua escolha em apenas dois dias. Ele introduz então uma breve narrativa sobre sua tentativa de escolher o Japão, com o tempo de espera, de quatro ou cinco meses (L.259-262), e, em diálogo construído (TANNEN, 1989), traz o relato de que o colégio do Japão disponível para o intercâmbio só recebia mulheres (L.263-265).

É interessante observar que Fernanda, a entrevistadora, que já havia feito a pergunta/afirmativa sobre Marie não ter decidido pelo Brasil (L 257, 258), retoma a pergunta para indagar a outros estudantes sobre a decisão pelo Brasil (“ah. and you two? how did you decide to come to brazil?” (L.271); e “or you didn’t decide?” (L.273). A interação entre entrevistadora e estudantes é feita com risos, mas sempre conduzida de forma a confirmar ou não a decisão pelo Brasil e os estudantes se mostram relutantes em suas participações interacionais.

Pat relata a possibilidade de escolher entre dez países (quase todos da América do Sul) e sua decisão pela escolha do Brasil (L.274-276 e L.278-279). Isaac atribui a escolha do país à instituição promotora do intercâmbio, que não ofereceu a ele a oportunidade de escolher nenhum outro lugar (L.280). O relato de Isaac é então coconstruído, com

questionamentos e comentários da entrevistadora, de Pat e de Allan, na escolha do Brasil como destino (L.287-288-290). Isaac faz uma avaliação, como resposta à pergunta da entrevistadora. A avaliação de Isaac, ao mostrar certa hesitação na resposta (L.285), gera o riso de todos os participantes.

Ao analisarmos a sequência 1, vemos que os estudantes, na contextualização da grande narrativa de deslocamentos de intercâmbio, relatam entrelugares na escolha do país de intercâmbio e as dificuldades, principalmente em relação ao tempo de preparação de documentação. Podemos ver que, com exceção de Pat, nenhum outro estudante constrói sua vinda para o Brasil como uma escolha própria. Marie constrói sua vinda ao Brasil em oposição à sua escolha de ir para os Estados Unidos, como voluntária. Allan opõe Brasil e Japão, indicando que sua “escolha” de vir para o Brasil se deu quase que por “falta de escolha”. Isaac relata que efetivamente não pôde escolher seu país de intercâmbio, tendo o mesmo sido determinado pela instituição promotora do intercâmbio. Mesmo Pat, que afirma ter escolhido vir para o Brasil, teve sua escolha limitada à América do Sul.

Observamos assim a orientação da narrativa de deslocamentos, como espaço social (DE FINA, 2010) de partilhamento de experiências do grupo, em suas decisões de intercâmbio, e como espaço interacional de busca, pela pesquisadora, de razões pela escolha ou não do Brasil como país de intercâmbio.

5. A CONVIVÊNCIA DOS ESTUDANTES DE INTERCÂMBIO NO CONTEXTO DAS FAMÍLIAS NO INTERIOR DE MINAS

Esta seção apresenta segmentos relativos à convivência dos intercambistas com suas famílias brasileiras. Alguns deles chegaram a morar com três famílias diferentes (pelo programa de intercâmbio, é previsto que os intercambistas se mudem, ficando na casa de três famílias diferentes no decorrer do período de intercâmbio). Outros, no entanto, moraram apenas com uma família, seja por escolha própria ou por mudanças no planejamento das famílias que os receberiam. Como veremos, os entrevistados, mediante a pergunta sobre as famílias, trazem construções de senso comum (LINDE, 1993) na fala em interação, bem como avaliações sobre como são as famílias e como é morar com essas famílias.

Na sequência 2, na segunda entrevista com Allan, ele compara famílias brasileiras e famílias americanas, com base em estereótipos de senso comum (LINDE, 1993).

Sequência 2

172	Fernanda	que que cê acha assim, como é viver aqui no brasil? como que é a vida em família aqui no brasil?
173		
174	Allan	ah, as famílias são são muito mais perto, sabe? todo mundo aqui sabe que americano são são mais fechado, são são mais- não sei explicar (mesmo). tem amor lá, mas aqui é mais aberto, mais pra fora, sabe? (cês demonstram). eh: então, eu achei- tava muito diferente quando eu cheguei aqui. eu tava vendo todas as coisas, mas agora depois, depois de sete meses, sete- mais ou menos sete meses, é tudo normal, é tudo normal para mim, sabe? todas as coisas. a comida é normal, família normal, cultura normal. é: minha vida agora.
175		
176		
177		
178		
179		
180		
181		
182		
183		

Allan, Entrevista 2, 14 de março de 2008

A entrevistadora pergunta a Allan sobre a vida em família no Brasil (L.172-173). Na resposta, iniciada por “ah” (L.174), ele faz comparações sobre práticas de convivência entre famílias brasileiras e americanas, utilizando-se de estereótipos de senso comum com diferenciações em relação a famílias nos dois países (L.174-178). A seguir, faz uma breve narrativa genérica, com mudanças em sua perspectiva sobre famílias, desde sua chegada e os sete meses de convivência. E faz então uma avaliação também genérica e com foco na família: “é tudo normal, é tudo normal para mim, sabe? todas as coisas. a comida é normal, família normal, cultura normal. é: minha vida agora.” (L. 181, 182, 183).

Avaliações no contexto de pergunta-resposta são diferentes de avaliações de narrativas labovianas, e envolvem experiências em vários contextos no processo de intercâmbio. De Fina (2009, p. 240) considera que, quando há questões avaliativas como “por que”, “como”, em entrevistas, sejam implícitas ou explícitas, trazem justificativas, explicações como narrativas, nas respostas dadas, na recapitulação de eventos passados.

Ao ressaltar aspectos da vida brasileira como “normais”, Allan, que antes apontava para entrelugares nas famílias americana e brasileira, constrói-se como estabelecido no cotidiano em sua convivência no interior de Minas (intercâmbio em Muriaé) (L.183).

Na sequência 3, Fernanda retoma o tópico sobre família, agora com Pat, em pergunta/afirmativa sobre Pat estar morando com a segunda família (L. 104). Pat responde com “humhum” e indica relutância para dar a resposta, assim como Allan (L. 174), na sequência 2. Pomerantz (1984), ao desenvolver estudos sobre preferência e não preferência em turnos, na interação, ressalta que, quando os interlocutores respondem com marcadores como “oh”, “well”, estão adiando suas respostas a perguntas não preferidas. Fernanda reformula sua pergunta, com foco em “como” é morar com a família atual (L.106).

Sequência 3

104	Fernanda	você tá o quê? na segunda família?
-----	----------	------------------------------------

105	Pat	humhum
106	Fernanda	com- como que é morar na sua família agora?
107	Pat	eu gosto mais, porque a primeira não foi muito bom não, porque: eu eu tinha um irmão também, mas ele tem acho que doze anos. ele <u>morreu</u> de ciúmes, ele não gostou muito. aí ele só ficou em casa no quarto dele com porta fechada, ele nunca falou comigo, nunca. aí: e: minha mãe ela trabalha muito, ela nunca tava em casa aí meu pai ele só fica no quarto dele, ninguém conversa. aí eu sempre fiquei no meu no meu quarto sozinha, ninguém conversa. aí também eu morava muito longe, aí fica muito difícil para fazer coisas e e tem que pegar ônibus pra ir na rua. aí eu gastei muito dinheiro. hehe. mas aí ficou bem difícil. mas agora eu mora aqui pertinho, eu moro na rua. essa família é muito melhor, conversa muito.
108		
109		
110		
111		
112		
113		
114		
115		
116		
117		
118	Fernanda	como é que é a vida dessa família agora?
119	Pat	ah: a gente mora num hotel, aí minha mãe trabalha lá então ela tá em casa todo dia o dia inteiro. aí meu pai, eu ainda não entendo o que ele faz, hehe mas ele trabalha aqui na cidade, mas ele viaja também muito. ele foi pra juiz de fora, e- é. e: mas é minha mãe fica em casa todo dia, aí ela conversa muito comigo. aí eu gosto disso.
120		
121		
122		
123		
124		
125		
126		

Pat, Entrevista 2, 20 de março de 2008

Pat inicia sua resposta com uma avaliação positiva em relação à segunda família e faz uma avaliação negativa sobre morar com a primeira família (L.107) e encadeia uma narrativa complexa, com explicações (DE FINA, 2010) sobre a sua dificuldade de convivência na primeira família. Na narrativa, ela posiciona os participantes (BAMBERG, 1997, p. 337) negativamente, com comportamentos e circunstâncias que funcionam como justificativas para sua não adaptação à família. Inicialmente, as atribuições são de ciúmes do irmão (l. 109). Com encadeamentos feitos por “aí”, Pat traz os outros participantes da família, em sua narrativa, dando intensidade à falta de interação e de presença, como dificuldades de adaptação à nova família: a sua mãe, que passa a maior parte do tempo fora de casa por conta do trabalho, e seu pai, que não costumava conversar com ela (L.108-113). A atitude das pessoas da família faz com que ela se veja como *outsider* no contexto familiar (L.113-114). Pat destaca ainda a distância da localização da moradia como um segundo ponto (L.115-117), com consequências em relação a transporte e gastos financeiros. Retoma a avaliação negativa, com a finalização da narrativa (L.117).

O segundo ponto que Pat contrapõe, a distância, traz a orientação de outra narrativa, iniciada com “mas” (L.117-118) e a avaliação positiva sobre a interação (L.118-119). Fernanda retoma a pergunta: “como é que é a vida dessa família agora?” (L. 120). Pat traz a orientação espacial e temporal (L.121) para em seguida narrar a rotina de sua mãe e de seu pai (L.121-126). Apesar de ambos trabalharem, o fato de sua mãe atual trabalhar no local onde

reside faz com que ela esteja presente na vida de Pat, que se sente estabelecida na segunda família. Ela conclui a narrativa com uma avaliação positiva (L.126). Pat traz assim narrativas entrelaçadas (NORRICK, 2005), coconstruídas mediante perguntas da entrevistadora, que aciona respostas com narrativas com explicações (DE FINA, 2009) dadas por Pat ao não ter conseguido conviver bem com sua primeira família e com razões de sua avaliação positiva de convivência com a família atual.

6. A CONVIVÊNCIA DOS ESTUDANTES NO CONTEXTO DA ESCOLA

Nesta seção, destacamos a interação de Sophie e Allan no contexto da escola que, como veremos, muitas vezes é bastante restrita. A escola, no processo de intercâmbio, deveria se mostrar como local importante para a construção de entrelugar cultural dos jovens estudantes, já que no contexto pedagógico espera-se a sua inserção mais rápida e o contato com pessoas de sua faixa etária.

A sequência 4 é parte da segunda entrevista individual com Sophie. Neste segmento, ela se coloca como *outsider* na sala de aula de português.

Sequência 4

101	Fernanda	mas com seus é colegas de turma, tem tem algum amigo lá?
102		
103	Sophie	tem. tem muitos. ai. não, amigos não. mas só a gente conversa
104		(um pouco). mas no começo eu falei com um professor que eu
105		tinha, que eu sou intercambista, o professor de de português. ela
106		ficou assim “AH É VERDADE. ESSA É A SOPHIE”, PRA
107		TUDO MUNDO, “ESSA É A SOPHIE, ELA É
108		INTERCAMBISTA, ELA, NO MOMENTO ELA NÃO FALA
109		PORTUGUÊS MAS AGORA ELA TÁ INDO BEM, MAS
110		AGORA TEM, TEM ALGUMAS PALAVRAS ELA NÃO
111		ENTENDE ENTÃO EU QUERO QUE VOCÊ AJUDE ELA,
112		FALA COM ELA, CONVERSA COM ELA, VÊ CULTURA”.
113		ela fica falando de mim umas dez minutos, e eu toda vermelha,
114		todo mundo olhando pra mim. hehe. <u>ninguém</u> - todo mundo tava
115		com: vergonha de falar comigo, depois. muito chato. eu “oh
116		meu deus, não vai falar mais com [ninguém
117		
118	Fernanda	[hahaha
119	Sophie	que eu sou intercambista”.

Sophie, Entrevista 2, 14 de março de 2008

A pergunta de Fernanda é se Sophie tem algum amigo na escola (L.101-102). Sophie responde de forma hesitante (L.103) e diz que só conversa um pouco com eles (L.103-104) e inicia uma narrativa semelhante à narrativa laboviana (L.104-105). Ela faz um resumo inicial (L. 104, 105), introduzindo a narrativa, e, a seguir, discurso relatado (TANNEN, 1989), traz a fala do professor, que a constrói como intercambista, que “NÃO FALA PORTUGUÊS MAS

AGORA ELA TÁ INDO BEM”, “TEM ALGUMAS PALAVRAS ELA NÃO ENTENDE” (L. 109-111). A apresentação de Sophie feita pela professora ameaça a sua face (GOFFMAN, [1967] 1980). Ela relata como se sentiu - “e eu toda vermelha” (L.113), a reação de seus colegas: “todo mundo olhando pra mim (L.115, 116). Seu riso indica constrangimento Faz uma avaliação (L.116) e traz a resolução em diálogo construído (“eu “oh meu deus, não vai falar mais com [ninguém” (L.116-117), “que eu sou intercambista”. (L.119). Neste segmento, Sophie posiciona a professora (BAMBERG, 1997) como quem ameaça a sua face, em sua apresentação à turma, e se posiciona como *outsider* no contexto escolar, tanto na construção da forma como os professores lidam com ela, quanto pela falta de amizades neste contexto.

Na sequência5, a entrevistadora também pergunta a Allan sobre a sua participação no contexto escolar (L.65).

Sequência 5

65	Fernanda	well. what about school, how is it?
66	Allan	ah. school is good. it's relatively eh: uh: boring for me right now just because it's five hours listening to something you don't you don't understand. i mean, i can pick up words an and things like that but honestly the kids there are learning it new too so the words aren't exactly gonna be, a-aren't exactly gonna be known to me yet. ahm: so i i bare with it, i mean i read hum some some really easy portuguese things and and and just try and learn portuguese the whole time very much and i i read ahm american english literature which i probably shouldn't, heh but i do. hehe
67		
68		
69		
70		
71		
72		
73		
74		
75		
76	Fernanda	hehe. so you like reading?

Allan, Entrevista 1, 27 de setembro de 2007

Allan inicia sua resposta com duas avaliações opostas – entre positiva e negativa (L.66-67) e traz a explicação com foco em sua rotina apenas de escuta em sala de aula, mas sem nada entender (L.67-68) e passa a detalhar o processo de não entendimento de outra língua. Ele se posiciona também como um *outsider* no contexto escolar, na medida em que não consegue compreender as aulas.

Na sequência 6, em um trecho da segunda entrevista feita com Pat, a entrevistadora faz perguntas sobre o seu comportamento em sala de aula. Como veremos, Pat fará avaliações negativas sobre as rotinas de sala de aula.

Sequência 6

275	Fernanda	hehehe. e na escola durante as aulas, [fica conversando?
276	Pat	[hum?
277	Fernanda	na aula, na escola, [conversa?
278	Pat	[não muito não: porque: eles têm que estudar, aí eu eu sei disso, então eu não não converso com eles muito não, sabe? mas tem uns professores que não passam nada. aí: sabe? aula de inglês teve nem- nem tem aula direito hehe aí
279		
280		
281		

282		todo mundo conversa, mas sabe física, coisa assim é muito
283		difícil, aí a gente não conversa, porque fica quieto. >porque
284		todo< mundo tá tá (escutando).
285		

Pat, Entrevista 2, 20 de março de 2008

A entrevistadora pergunta a Pat se ela conversa durante as aulas (L.275) e ela não compreende a pergunta (L.276) e a entrevistadora repete (L.277). Pat diz que não “eles têm que estudar, aí eu eu sei disso” (L. 278). E faz críticas às rotinas do professor de inglês (L.280-282) e ao comportamento dos alunos. Comenta o comportamento diferenciado dos alunos em relação à disciplina de física, matéria mais difícil (L. 282-285).

Nesta sequência, há uma avaliação negativa das rotinas de sala de aula de inglês. Pat não se mostra em posição de conviver na sala de aula brasileira.

7. OS PREPARATIVOS PARA O RETORNO E AS DESPEDIDAS

Esta seção trata dos preparativos para a viagem de volta, bem como das despedidas de familiares e amigos.

Na sequência 7, da terceira entrevista feita com Sophie, ela relata breves narrativas, quando ainda estava no Brasil. Como propõem Bamberg e Georgakopoulou (2008), as breves narrativas cumprem papel social, trazendo os amigos que Sophie fez durante o intercâmbio, em suas despedidas.

Sequência 7

195	Fernanda	teve festa? [(barulho)]
196	Sophie	é? festa de despedida?
197	Fernanda	é.
198	Sophie	não. a gente foi pra: é:: eu fui pra pizzeria assim pra dar uma::
199		uma drink lá com uns amigos de meus pais aí depois eu saí com
200		a, com meus amigos no privilège.
201	Fernanda	ah tá.
202	Sophie	e última noite foi funk. foi muito bom [hehehe
203	Fernanda	[hehehe. seus amigos da
204		escola?
205	Sophie	ah: não. peraí. meus amigos ah amigos que outros amigos que
206		eu fiz.
207	Fernanda	não tinha=
208	Sophie	=meus amigos (). não porque, porque eles são menor.
209	Fernanda	ah tá. [você tava
210	Sophie	[aí
211	Fernanda	fazendo terceiro ano aqui né?
212	Sophie	isso
213	Fernanda	mas aí eles não entram: na boate?
214	Sophie	não. é:: dezesseis e dezessete anos não entra.
215	Fernanda	entendi. e então você nem fez despedida com eles?
216	Sophie	fiz mas ah o dia seguinte eles foram, a gente foi pra:: a:
217		alameda.
218	Fernanda	ah tá. foram ver filme?

219	Sophie	ah: não. a gente foi:: a gente foi beber uma coisa só.
220	Fernanda	entendi.
221 222	Sophie	aí, comer uma coisa, >beber uma coisa<. ficar junto falando, chorando. [hehehe.
223	Fernanda	[hehehe.
224 225	Sophie	foi horrível. aí depois eu saiu mais pra algumas barzinhos assim mas não deu pra:: não deu pra:: é: muito tarde não.

Sophie, Entrevista 3, 05 de agosto de 2008

Fernanda pergunta a Sophie se “teve festa?” (L.195), ela faz um reparo “festa de despedida?” (L.196) e a entrevistadora confirma (L.197). Sophie diz que não e inicia uma narrativa, com as orientações espaciais e os participantes, os amigos (L.198-199) e traz outra breve narrativa, não desenvolvida (L. 200). A entrevistadora faz um comentário, em coconstrução (L.201), e Sophie traz outra breve narrativa, com o evento e a avaliação positiva (L.202). Ambas riem e a entrevistadora pergunta se seriam os amigos da escola (L.203-204). Ela diz que não e comenta que saiu com outros amigos (L.205-206). A próxima pergunta da entrevistadora (L.207) é interrompida por Sophie, já com a resposta, explicando que eram de menor (L.208). A entrevistadora demonstra entender o motivo e inicia um comentário (L.209). A entrevistadora e Sophie conversam sobre o ano que Sophie estava cursando e o fato de os amigos da turma não poderem ir à comemoração na boate (L.210 a 215).

Sophie inicia outra narrativa, com nova orientação temporal e espacial (L.216-217). A entrevistadora pergunta se foram ver filme (L.218) e ela diz que não, explicitando o que foram fazer (L.219). Sophie detalha as atividades que fizeram juntos, incluindo “chorando” (“aí, L.221-222). Elas riem (L.223). Sophie faz uma avaliação (L.224), acrescenta uma outra localização espacial (L.224-225) e finaliza com uma avaliação. Sophie, que, em outras seções, sinalizou estar entre “entrelugares” e estabelecida, neste momento, despede-se dos amigos que fez no Brasil, inclusive da pesquisadora.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomamos, nas considerações finais, os objetivos centrais do estudo: (i) a reflexão sobre a natureza das narrativas coconstruídas, com contagem e recontagem de experiências coletivas e individuais nos processos de deslocamento (BAYNHAM & DE FINA, 2005; DE FINA, 2010; NORRICK, 2000); (iii) as construções identitárias de entrelugar do “eu” e do “outro” e os posicionamentos dos jovens intercambistas enquanto “agentes sociais que se

movem e cruzam as fronteiras nacionais tanto física quanto simbolicamente” (BUCHOLTZ & SKAPOULLI, 2009, p. 1).

A “grande narrativa de deslocamento” é coconstruída entre os participantes em narrativas situadas (narrativas labovianas, pequenas narrativas) nos diferentes momentos do intercâmbio, nas entrevistas de pesquisa, de natureza coletiva e individual. As narrativas situadas relatam uma parte da vida de experiências de deslocamentos dos estudantes, no momento da decisão pela viagem, na convivência com as famílias e a escola, nas cidades do interior de Minas. Narrativas como *accounts* (BAKER, 2001; DE FINA, 2009) fazem parte de diferentes momentos dos deslocamentos e são importantes para que os estudantes se posicionem, para que avaliem o percurso do intercâmbio, e se construam ora como *outsiders*, ora em entrelugares, ora como estabelecidos.

Em relação às identidades de entrelugares, os estudantes constroem as condições de sua relação consigo mesmo através do processo de *localização no mundo* como alteridade e presença. Toda exploração do mundo, toda “viagem”, enquanto experiência da relação com um aqui-agora sem cessar, equivale a um processo de *construção do eu*, em um estar-ali de passagem (LANDOWSKI, 1997, p. 71).

Para concluir, destacamos o papel do intercâmbio escolar internacional como propiciador de trocas culturais e de experiência para os estudantes, produtivas por parte dos estudantes que passam um ano fora de seus países e que enfrentam processos variados de deslocamento em suas vidas em busca de novos valores e de novas experiências. Uma visão crítica, todavia, sobre as experiências nos contextos da família e, sobretudo, da escola, faz com que pontos do processo de intercâmbio precisem ser (re)pensados pela instituição promotora do intercâmbio.

Recebido em: maio de 2015
Aprovado em: outubro de 2015
mgdpereira@terra.com.br

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKER, C. D. Ethnomethodological Analyses of Interviews. In: HOLSTEIN, J. A.; GUBRIUM, J. F. (Orgs.). The handbook of interview research. Thousand Oaks, CA: Sage, 2001.
- BAMBERG, M. Positioning between structure and performance. Journal of Narrative and Life History, v. 7, n.1-4, p. 335-342, 1997.

____ Stories: big or small – why do we care? In: Narrative Inquiry, v. 16, n. 1, p. 139-147, 2006.

____ GEORGAKOPOULOU, A. Small stories as a new perspective in narrative and identity analysis. Text and Talk, v. 28, n. 3, p. 377-396, 2008.

BASTOS, L. C. Narrativa e vida cotidiana. Scripta, Belo Horizonte, v. 7, n. 14, p. 118-127, 2004.

____ Histórias, vida cotidiana e identidade – uma introdução ao estudo da narrativa. In: CALDAS-COULTHARD, C. R. & CABRAL, L. S. (Orgs.). Desvendando o discurso: homenagem a Malcolm Coulthard. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008, p.79-111

BAYNHAM, M.; DE FINA, A. (Ed.). Dislocations/ Relocations: narratives of displacement. Manchester: St. Jerome Publishing. 2005

BHABHA, H. K. O Local da cultura. Belo Horizonte: Editora UFMG, [1998] 2005.

BUCHOLTZ, M; SKAPOULLI, E. Introduction: youth language at the intersection – from migration to globalization. Pragmatics, v. 19, n.1, p.1-16, 2009.

CORTAZZI, M.; JIN, L. Evaluating evaluation in narrative. In: HUNSTON, S.; THOMPSON, G. (Eds.). Evaluation in text: authorial stance and the construction of discourse. Oxford: Oxford University Press, 2003.

DE FINA, A. Identity in narrative. A study of immigrant discourse. Amsterdam: John Benjamins, 2003.

Narratives in interviews: the case of accounts. Narrative Inquiry, v.19, n.2, p. 233-258, 2009.

____ Tempo, espaço e identidade em narrativas de imigração. In: MOITA LOPES, L. P. da & BASTOS, L. C. (Orgs.). Para além da identidade: fluxos, movimentos e trânsitos. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

DE FINA, A.; PERRINO, S. Introduction: Interviews vs. ‘natural’ contexts: A false dilemma. Language in Society, n. 40, p. 1–11, 2011.

DENZIN, Norman K. & LINCOLN, Yvonna S. O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2006

ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. Os estabelecidos e os outsiders: Sociologia das Relações de Poder a partir de uma Pequena Comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 2000.

FONTANA, A.; FREY, J. H. The interview: from structured questions to negotiated text. In: DENZIN, N; LINCOLN, Y. S. (Orgs.). Handbook of qualitative research. London: Sage Publications Inc. 2000. p. 645-672

FREEMAN, M. Life “on holiday”? – in defense of big stories. In: Narrative Inquiry , v.16, n. 1., p. 131-138, 2006.

FREITAS, A. C. de. As identidades do Brasil: buscando as identificações ou afirmando as diferenças? In: RAJAGOPALAN, K.; FERREIRA, D. M. M. Políticas em linguagem: perspectivas identitárias. São Paulo: Editora Mackenzie, 2006.

FREITAS, L. G. de. Discurso e identidade em narrativas de migrantes. Brasília: UnB, Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2008. Tese de Doutorado.

GAGO, P. C. Questões de transcrição em Análise da Conversa. *Veredas – Revista de Estudos Lingüísticos*, v. 6, n. 2, p. 89-113, jul/dez 2002.

GEORGAKOPOULOU, A. *Small stories, interaction and identities*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company. 2007

GOFFMAN, E. A *Elaboração da Face: Uma Análise dos Elementos Rituais da Interação Social*. In: Figueira, S. (Org.). *Psicanálise e Ciências Sociais*. Tradução de J. Russo. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, [1967] 1980. p. 76-114

HYMES, D. Models of the Interaction of Language and Social Life. In: GUMPERZ, J. J. & HYMES, D. (eds.). *Directions in Sociolinguistics: the Ethnography of Communication*. New York: Rinehart and Winston, 1972. p.35-71.

Hyvärinen, M. "Life as Narrative" Revisited. *Partial Answers*, v. 6, n. 2, p. 261–277, 2008

LABOV, W. *Language in the Inner City*. Phil.: University of Pennsylvania Press. 1972. P. 354-396

LABOV, W.; WALETZKY, J. Narrative analysis: oral versions of personal experience. In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (Eds.). *Sociolinguistics: the essential readings*. Blackwell Publishing, [1967] 2003. p.74-104

LANDOWSKI, E. *Presenças do outro: ensaios de sociosemiótica*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1997.

LINDE, C. *Life stories*. New York: Oxford University Press, 1993.

MacIntyre, A. *After Virtue: A Study in Moral Theory*. Notre Dame: University of Notre Dame Press, [1981] 1984.

MISHLER, E. G. *Research interviewing: context and narrative*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, [1986] 1991.

MODAN, G. Positioning the interviewer: Strategic uses of embedded orientation in interview narratives. *Language in Society*, n. 40, p.13–25, 2011.

NORRICK, N. R. Contextualizing and recontextualizing interlaced stories in conversation. In: THORNBORROW, J.; COATES, J. *The sociolinguistics of narrative*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 2005. chapter 6, p. 107-127

OCHS, E. Constructing social identity: a language socialization perspective. *Research on Language and Social Interaction*, v. 26, n. 3, , p.287-306, 1993.

OCHS, E.; CAPPS, L. Narrating the self. *Annual Review of Anthropology*, v. 25, p. 19-43, 1996
<http://www.jstor.org/stable/2155816>

_____. *Living narrative*. Cambridge Mass: Harvard University Press, 2001.

PEREIRA, M. G. D.; SANTOS, F. M. Narrativas de deslocamento e evidencialidade: construções de entre lugar de um emigrante mineiro de retorno dos Estados Unidos. In: PEREIRA, M.G.D.; BASTOS, C. R. P. & PEREIRA, T. C. (Orgs.). *Discursos socioculturais em interação: Interfaces entre a narrativa, a conversação e a argumentação – navegando nos contextos da escola, saúde, empresa, mídia, política e migração*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. p.133-171

Pomerantz, A. Agreeing and disagreeing with assessments: some features of preferred/dispreferred turn shapes. IN: ATKINSON, Maxwell. & HERITAGE, John (ed.) Structures of social actions. Studies in conversation analysis. Cambridge, Cambridge Univ. Press, 1984. p.57-101

REZENDE, C. B. Retratos do estrangeiro: identidade brasileira, subjetividade e emoção. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009

ROULSTON, K. Considering quality in qualitative interviewing. Qualitative Research, vol. 10, n. 2, p. 199-228, 2010. <http://qrj.sagepub.com/content/10/2/199>

SACKS, H; SCHEGLOFF, E. A.; JEFFERSON, G. Sistemática elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa. Veredas. Revista de Estudos da Linguagem, v.7, n.1 e n.2, p.9-73, jan./dez. 2003.

SANTOS, B. de S. A crítica da razão indolente. São Paulo: Cortez, 2002.

SNOW, David. Collective identity and expressive forms. University of California, 2001. Paper 01'07. <http://repositories.cdlib.org/csd/01-07>

TANNEN, D. Talking voices. Repetition, dialogue, and imagery in conversational discourse. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.